

Compra
-0. M50 1997

J 929 P

Semanário de grandes reportagens

N.º 8

1\$00 Esc.

MOSCOW

PARIS

BORDEUS



LISBOA

Neste número:
"Escamoteações"
humanas



ESPECTACULOS

Teatros

Nacional - 21 e 30 - "Sol Poente"
Avenida - 21 e 30 - "A vizinha do lado"
Apolo - 20, 30 e 22, 45 - "O Zé dos pacatos"
Variedades - 20, 45 e 22, 45 - "O Chico das
Pegadas"
Maria Vitória - 20, 45 e 22, 45 - "Viva a
toal"
Coliseu - 20 e 30 e 22 e 45 - "O Fim do
Mundo"

Cinemas

São Luiz - 15 e 21 e 30.
Tivoli - 15 e 21 e 30.
Condes - 15 e 21 e 15.
Central - 15 e 50 e 21 e 30.
Olimpia - Das 15 e 30 às 0.
Capitôlio - 21.
Chiado Terrace - 15, e 21 e 15.
Odeon - 15 e 30 e 21 e 30.
Lys - Das 14 e 30 às 19 e 21 e 15.
Paris - 20 e 45.
Salão Portugal - 15 e 21.
Palatino - 21.
Palácio - 21 e 15.
Europa - 21.
Royal - 15 e 21 e 15.
Eden-Cinema - (Rua do Alcito) - 21.

Promotora - (Largo 20 de Abril, ao Cal-
vário) - 21.
Imperial - (Rua Francisco Sanches).
Salão da Voz do Operário - 21.
Cine Oriente - (Penha de França).
Salão Ideal - (Loreto).
Cine Rossio - 21.
Musical Cinema Parque - (Par. Mayer).
Pavilhão Português - (Par. Mayer) - 21.
Max-Cine - (Rua Barão de Sabrosa).
Jardim-Cinema - As segundas, quartas,
quintas e domingos, cinema e concêr-
to - 14 e 45 - 21 e 45
Bélgica Cinema - (Rua da Beneficência,
ao Régio) - 21.
Eplanada Vitória - (Rua Alves Torgo).
Cine Salão Braço de Pata - A's quartas
e domingos.

**Rapidez
perfeição
economia**



SO NA



**Imprensa BELEZA
R. da Rosa, 99 a 107
Telefone 2 1622 — LISBOA**

TODOS A PREFEREM!



A vida, agonia e morte dos monumentos...

pelo *Reporter X*

UM dos assuntos mais berrantes da semana — é, sem dúvida, a agonia e morte da Torre de Santa Cruz de Coimbra. Barulhenta gritaria provocou na imprensa... Uns por patriotismo, outros por fanático culto por estas coisas, outros ainda pela necessidade fisiológica de berrarem ao menor pretexto — todos floreteiam as suas opiniões, teimando em ver, num acontecimento vulgar — quasi humano — uma fatalidade complexa, a conseqüência não sei de quantas culpas, atraídas quarenta anos...

...Disse — «quasi humano» e vou explicar-me. Estas obras gigantescaes que os homens erguem, na basófia de um desafio ao tempo, aos séculos, à eternidade — estão sujeitas, como tudo o que é criado sob o éter do Céu, às leis fatais da Morte. Que o Templo de Pompisio resista aos estragos de quarenta séculos, que as pirâmides, suas bisavós, continuem a chancelar os mistérios insondáveis do Egipto — que nos arredores de Stambul, viva ainda, sadio e fresco, um velho de cento e trinta e cinco anos — o velho, as pirâmides, as cem colunas do Templo Assirio — extinguir-se-ão um dia, fatalmente, esboroadas pela ventania, chicoteadas pelos temporais, esfaceladas de fadiga, saravadas pela areia — ou fulminadas por qualquer outra causa — como antes deles cidades imensas, civilizações inteiras desapareceram, como que engulidas pela terra — sem deixarem o minimo vestigio... A diferença é apenas de anos ou de séculos — mas a Morte é infalível!

A Torre de Santa Cruz tivéra uma mocidade cheia de esplendor e de encantos, altiva e de plástica impecável; era forte e sábia... Mas vieram a velhice, os achaques, o reumatismo, os desequilíbrios; as forças começaram a minguar; e ela a custo se mantinha... Os médicos vigiavam-na, remendavam-na como podiam — até que um inesperado agravamento exigiu uma rápida intervenção cirurgica. Foi, durante a operação, que aquela velhinha soltou o ultimo suspiro...

Sucedeu agora — o que sucede conosco. Os que estimavam a Torre, os que sofrem com a sua morte — não querem conformar-se com a fatalidade prevista — e procuram culpar os médicos, acusando-os de se terem descurado ou precipitado o desenlace com a sua tentativa cirurgica...

Afinal — tudo se resume no cumprimento das leis eternas — que recusam a eternidade na terra e a Torre de Santa Cruz morreu — porque... porque tinha os seus dias contados!

No lugar onde ela existiu, durante séculos, uma juventude brilhante, altiva, sumptuosa e forte; onde iniciou a

longa agonia da velhice — erguer-se-á, dentro de anos, outro monumento, igualmente altivo, orgulhoso do seu esplendor e da sua imponência. Rodarão séculos — e um dia suceder-lhe-á o mesmo que a esta — desmoronando-se, esfacelando-se, caindo de velha, de caduca, esgotada de forças — pronta a conjundir-se com a terra, onde tudo e todos se amalgamam na misteriosa maquinária da transformação da matéria.

Os portugueses e o frio

NÃO sei se por amnésia ou se porque de facto existe um agravamento constante nos rigores do tempo — a verdade é que este inverno se nos afigura mais cruel do que o anterior, como o verão nos pareceu mais ardente do que o do ano passado... Seja como for — o evidente é que a «mise-en-scène» este ano está sendo das mais completas e espectaculosas. Chuvas diluvianas, cheias, inundações, mares em furia, tragando barcos — insaciavelmente; ventanias infernais — e um senhor Frio de nos transformar as carnes em sorvete.

Portugal criou fama de país temperado, possuidor de um clima suave e doce — e aqui entre nós — que os estrangeiros não nos ouçam — há muito de lenda nessa fama... Conheci, há anos, um artista alemão, que percorrera todo o norte europeu e que fizera uma longa estadia na Russia — e que uma noite, tiritando de frio num café da Baixa, me dizia:

«Que «blague» o vosso clima! Ando abaatado de camisolas, de «cachecols»; e sófro um frio como nunca sofri...

«O senhor exagera! — intervem alguém que assistia à conversa. — Não vai convencer-nos agora de que o nosso inverno é mais severo do que o dos países por onde o senhor passou...

«O inverno, em si, não será — embora as diferenças de temperatura não sejam tão fortes como podem parecer à primeira vista. O frio quando gira em redor de zero — tanto faz mais grau como menos grau... Se em Lisboa já padeci manhãs de 1 grau negativo — essa temperatura pouco menos sensível é do que a vulgar no inverno da minha terra — 6 a 7 graus negativos... Mas isso não impede — repito — que se sofra mais aquil do que, por vezes, em Moscovo ou Leninegrado...

E explicou a razão:
 «O português não só não tem o sentido da comodidade — como se auto-sugestiona com ilusões que são, por vezes, verdadeiros sintomas de mazaquismo. Partiu do principio de que não há frio no seu país — e ei-lo a



Semanário de Grandes Reportagens

padecer um larò torturante todo o inverno. Em toda a parte, mesmo nas regiões espanholas onde o clima é tão suave como o vosso — as casas estão defendidas contra o inverno — seja graças à «chauffage» moderna, seja a vários velhos processos de aquecimento — e ainda pela construção dos seus lares: janelas que se fecham de forma a isolar o interior das casas; a ausência de gretas, frinças, etc.

«Além disso — não se entra num teatro, num café, numa tabacaria para comprar uma caixa de fósforos — que não se encontre um ambiente quente, tropical. Quando saem à rua, apressam o passo, encurtam as distâncias, servem-se dos «metros» ou dos «auto-bus» — que também são aquecidos. Não têm, pois, tempo para sentirem frio — embora o mercúrio dos termómetros desça até ao inverosímil.»

Nunca recordei, como hoje, as verdades pronunciadas por este meu amigo alemão... É que, graças ao clima suave de Portugal — estou sofrendo, há dias, um ataque de gripe que me faz invejar os rigores dos invernos nórdicos...

Criado... mais que amável



O freguês:

— O ano passado, na noite de Ano Novo, ceámos aqui também — por sinal que uma magnífica lagôsta...

O criado, amavelmente:

— Bem, senhor. Vou vêr se resta ainda alguma cousa...

A fauna dos cafés de Lisboa

Os segredos duma leitaria da Rua do Crucifixo e de vários estabe- lecimentos do Arco Bandeira

Os clientes, o criado e o «Jazz-Band». —
Um casal misterioso. — De proprietário a
«gigoló». — Uma «soirée»... quasi familiar. —
Eles e... elas

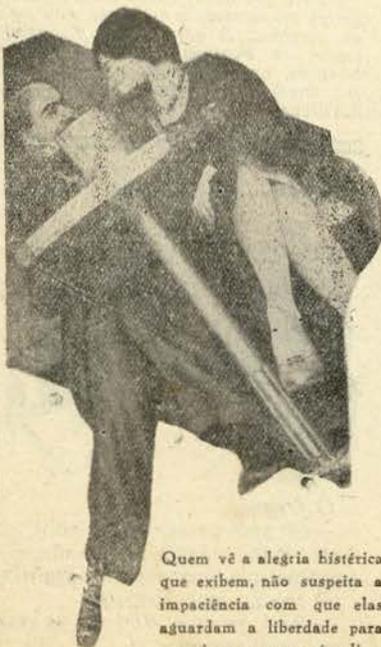
NA rua do Crucifixo, mesmo junto dos Armazéns Grandela, de frontaria vistosa, num estilo já um pouco «demodé» — a Vacaria Aurea, um cubículo onde o ar impregnado de fumo de tabaco, de cheiro do álcool e de um mau café, e, às dez e meia da noite, irrespirável.

Esta casa, no centro da Baixa, frente à rua do Ouro e junto do Grandela, deixa passar para o exterior os sons estridentes de uma orquestra de cêgüinhos, que — felizmente para eles — não vêem o ambiente que os cerca.

Pelas mesas espalham-se marujos de faces tostadas pelo sol dos trópicos, anegrestados pelo iodo da água do mar; militares sem gradação das várias unidades aquarteladas em Lisboa; mulheres que aguardam a hora em que a Polícia permite que circulem livremente pelas ruas da Baixa; anfíbios de todas as idades e uns indivíduos que esperam, esperam... ninguém chega a saber por quê ou por quem...

Estes são menos numerosos, mas, sem dúvida, notam-se na frequência assás heterogênea que povoa aquela casa.

De dia, a Aurea é um pacato recinto onde mal se divisa uma pessoa a tomar qualquer bebida.



Quem vê a alegria histérica que exibem, não suspeita a impaciência com que elas aguardam a liberdade para se unirem aos seus cúmplices



Arco Bandeira, espécie de «camarim» secreto do teatro da Baixa, oculta, durante a madrugada, figurantes de tragédias e de ignomias...

A noite, a atenção dos poucos transeuntes daquela artéria, é desperta pela música infernal que o «jazz-band» entoa, no estabelecimento.

Desde que me encontro em Lisboa nunca tinha penetrado naquela casa. Os seus humbrais desconheciam a minha sombra; contudo, o polícia que à porta vigia a entrada e saída da clientela, tornava aquela casa, para mim, num enigma que eu pretendia decifrar. E... decifrei. Decifrei, porque o «5.243» me explicou que se encontrava ali destacado para obstar a qualquer desordem, dada a promiscuidade de gente da mais variada espécie, exemplares da fauna alfacinha, que ali entra.

Foi há dias que ali entrei pela primeira vez. Tinha-me aconselhado uma visita àquela casa, com o fim de colher elementos para uma reportagem, reportagem que iniciei no numero 3 deste jornal.

Abanquei a uma mesa; o criado em passos leves, saltitantes, pelo mosaico do pavimento, perguntou-me numa voz aflautada e que ele pretendia tornar harmoniosa:

«— Deseja V. Ex.ª?...»

«— Aguardente!» — respondi num tom brusco.

E o Gustavinho afasta-se para atender a minha encomenda e volta, passados poucos minutos, com um cálice na bandeja, em gestos acrobáticos de grande equilibrista de circo.

A freguesia acalmada, com as mesas repletas, e o café absorvido, permiti ao Gustavinho uns momentos de palestra com um senhor que não costumava ali entrar, na mira — talvez — de uma gorgeta avultada ou de uma aventura de tomo — fora das suas vulgares aventuras.

O Gustavinho desenferrajou a língua. Além de tudo, o Gustavinho é um grande psicólogo e descobriu que eu andava na mira de colher quaisquer informes para os jornais.

«— Vê aquela mulher que está junto da porta? — perguntou-me o Gustavinho ao mesmo tempo que me indicava uma trintona de carnes abundantes e bom aspecto. — Uma que está acompanhada de um sujeito com ar distinto e bem pôsto? — inquiri, por minha vez. — «Pois essa mulher que ali vê, está acompanhada pelo marido, porque — não sei se sabe — aquele é o marido dela. Vem aqui todas as noites e... ao chegarem as onze horas, saiem os dois, de braço dado, atravessam a rua do Ouro e... à esquina da rua do Arco Bandeira, separam-se. Ao despedir-se,

êle pergunta-lhe: «A que horas queres que te venha buscar?». E ela marca a hora que... O cavalheiro já me entendeu...

«Ela é de Braga, que eu conheço-a de lá quando servi no Hotel Aliança. Casou com aquele cavalheiro, mas como elle gosta pouco de trabalhar, ela, coitada, é que o sustenta. Natural de Amares, casou com elle, filho de um rico proprietário da cidade dos arcebispos e, enquanto a herança paterna durou... tudo foi numa maré de rosas; mas gastos os últimos escudos, os crédores assediando o casal com as impertinências das contas, elles muito conhecidos no meio, desfizeram-se do pouco que possuíam e vieram deabalada para Lisboa, pois tinham-lhe prometido — a elle — um lugar numa repartição pública. O lugar nunca chegou, a vida ia-se tornando cada vez mais difficil e os crédores aumentando, até que... começou o escândalo — primeiramente com o merceeiro, depois com o homem do talho passando por toda a escala fornecedora de géneros, até fazer da miséria a sua profissão — com o consentimento — e até com o aplauso — do marido — que, enquanto ella «passeia», fica fazendo horas em qualquer taberna das redondezas.»

Olhei o par. Um par sério e grave em qualquer outra casa que não fosse aquella onde a heterogeneidade da frequência afugenta o casal honesto, naquela casa onde o «jazz» põe sons estridentes num clangoroso «tango» ou guincha no meio de uma «rumba», aumentando o ar canalha do aposento.

Um fulanito de aspecto suspeito, dirigia olhares maçônicos àquella mulher que — acompanhada do marido esperava a hora em que pudesse — sózinha — percorrer as ruas da cidade. Achei tão repugnante o facto — que quis certificar-me do que o criado me dissera — e segui o par, escondido na sombra, a uns passos de distância. Finalmente pararam e eu ao passar junto deles ouvi-o — de facto — murmurar: «— A que horas queres que te venha buscar?» ao que ella respondeu: «Às duas!». E afastaram-se, cada um para seu lado. Nesse momento dobrava a esquina o tal fulanito...

Um amigo a quem, pouco depois, revelei o episódio — um amigo erudito em todas as ignominias que a capital oculta e que elle espreita por uma pontinha de mórbida curiosidade — sorriu e respondeu-me:

(Continúa na pág. 10)

Mata-Hari não morreu

afirma C. 318, espião portuguez

Um epílogo... ou um prólogo? — Quem foi C. 318 — A cegueira do Amor — Mata-Hari ou Jeannette Larval? — A mulher de Java

Mata Hari é um nome que este jornal não tencionava citar jamais — por estar gasto, esfalfado, desfeito. Tem sido explorado, esgotado em todos os campos jornalísticos, literários, artísticos. Se quebramos hoje a nossa decisão — é porque as revelações contidas nesta reportagem dos srs. Fernando Barros e Silva Bastos — dois novos que prometem — o merecem.

UMA descarga cerrada foi para muita gente o epílogo da carreira do espião H. 21, mais conhecido por Mata-Hari.

Foi no Parque de Vincennes, numa manhã nevoenta. O dia começava triste, como mau prenúncio. Mata-Hari, a celebre espia em frente do pelotão executor mostrava, a dois passos da morte, uma presença de espirito tal que pasmava os soldados habituados à carnificina das trincheiras. Dir-se-ia que a celebre espia nada receava das «Mauseres» certeiras que a fitavam prontas a desfechar à primeira voz de comando. H. 21 sorria... sorria sempre.

De súbito no espaço uma voz seca, enérgica e decidida, gritou:

— Fôgo!

Foi o fim de Mata-Hari, reza a história, complexa, a história que nunca terá história, da espionagem de durante a guerra...

Mas teria de facto sido o epílogo? Ou pelo contrário não teria sido apenas um prólogo bombástico, berrante, de uma nova vida?

Quem sabe? H. 21 morreu? — Sim! Mas Mata-Hari vive, afirma C. 318 espião português, e prova o que a princípio parece um enorme paradoxo.

Quem foi C. 318]

Não revelamos o seu nome. Pouco interesse teria para esta reportagem o saber quem ele é. Apenas C. 318 espião dedica-se agora... a ser um luxuoso desempregado. Todos os frequentadores da boémia nocturna do Olympia e do Parque Mayer o conhecem, sem por sombras conhecerem o importante papel que desempenhou durante a Grande Guerra.

É baixo, moreno, de olhar firme e gestos decididos. À tarde pelas 4 horas é «habitué» do «Palladium», onde convive com altas influências.

Foi um acaso que nos revelou a sua antiga profissão. O acaso é sempre amigo dos jornalistas.

Há pouco mais de três meses um «reporter» francês Henri Fortier, azogado jornalista à «sensation» publicou um livro «L'Espionage», no qual existe uma referência passageira ao espião C. 318 ao serviço da França, de nacionalidade portuguesa, e natural de Arantes — Abrantes afinal.

Dá Henri Fortier alguns traços biográficos do C. 318 e descreve-nos o seu físico, algo de extranho e de inconfundível. Fácil nos foi investigar. Um

amigo natural de Abrantes facilitou a nossa tarefa.

Relata «L'Espionage» um caso curioso em que C. 318 foi elemento principal e que transcrevemos:

«Sabia-se ter a Alemanha descoberto um novo sistema de torpedos e que os respectivos projectos estavam de posse de determinado almirante — que Henri Fortier designa pelo nome de X. Foi C. 318 o encarregado de subtrair os referidos projectos.

Convenientemente disfarçado dirige-se à fronteira. Entretanto a contra-espionagem alemã tem conhecimento de que um espião se prepara para entrar na Alemanha com motivo ignorado.

Foi o suficiente. Os agentes secretos foram imediatamente postos em campo a fim de evitarem a entrada a C. 318.



Ambulami, «chançonnière» dramática, que está fazendo grande sucesso nos teatros de Berlim — e que, se diz filha de Mata-Hari — a misteriosa espia

Este, porém, profundo conhecedor da difícil lingua alemã — não passava de um modesto professor de linguas, que vai oferecer os seus serviços à espionagem de Berlim.

Durante um mês esteve numa repartição traduzindo documentos. Até que um dia, por motivo de doença do camarada encarregado da vigilância do gabinete do Almirante X, C. 318 foi ocupar o lugar d'este.

A espionagem francesa tinha ganho mais uma partida. Mas o pior é que os documentos que C. 318 procurava não se encontravam no cofre do Almirante. Desesperava, quando reparou que todos os documentos de importância já passada tinham sinais de terem estado enrolados durante longo tempo. Mas onde? Com a espessura daqueles róis, só no pé do candeeiro que o Almirante tinha sobre a mesa. Desencostou-o, e finalmente os documentos apareceram. Minutos depois C. 318 era rendido e mandado pela própria policia alemã a prestar serviços em Paris.

De nada serviu, afinal, o trabalho de C. 318. Daí a um mês era assinado o Armistício e o novo sistema de torpedos não foi realizado, permanecendo até agora, pelo menos, na obscuridade.

Esquecimento? Extravio? Quem sabe?

Muitas surpresas nos há-de trazer uma nova guerra. E entre elas... Quem sabe?... Quem sabe?... Mas o que Henri Fortier não conseguiu acrescentar na vida de C. 318 foi um facto observado por ele e que até agora tem estado na sombra.

A cegueira do Amor

Falamos agora pelas palavras que C. 318 nos disse, sob a jura formal do anonimato.

Falámos muito, contou muita «palha», mas num rompante e quasi em segredo murmurou:

— ...E se eu lhe provar que Mata-Hari não morreu?

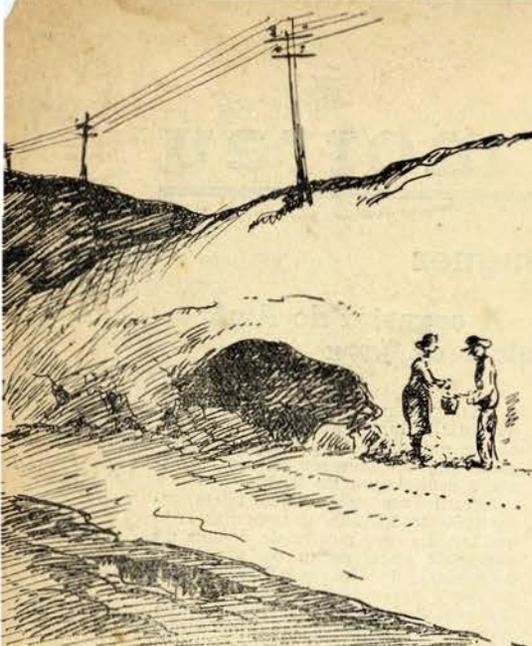
Uma corrente eléctrica de alta tensão não teria produzido em nós maior efeito. Pois seria possível? Silva Bastos, companheiro de reportagem, esfregou os olhos para ver se estava acordado. Eu deixei de fumar e cheguei-me mais. E C. 318 falou: — «Uma noite em «Montmart» travei conhecimento com uma mulher que me disse chamar-se Jeannette Larval, bailarina de «cabarets». A sua beleza estuante de graça perturbou-me e... apaixonou-me.

Fômos amantes e ainda conservo dela uma recordação daquele tempo. Jeannette Larval era o vivo retrato de... É melhor vocês verificarem.

C. 318 abre a carteira e mostra-nos uma fotografia. Olhamos e murmuramos:

— ...Mas... é Mata-Hari, não é?

(Continua na pág. 14)



Pobres de pobres...

Uma festa de baptisádo numa furna de Monsanto

em que o grande caricaturista Stuart de Carvalhais foi padrinho

Como, no século XX, em plena Lisboa, se vive como nos tempos... das cavernas. — Os pais... e o filho. — Um lar improvisado. — O que a miséria inventou. — Gente enterrada... em vida...

se não se deixam apanhar facilmente — nem por isso estas visitas dos agentes incomodam menos os habitantes das furnas de Monsanto. E assim, um dia, levantarão vôo para mais sossegadas paragens.

Mas, se a miséria é geral — e é — nem tudo, ao menos, é maldade ali, no seio da serra de Monsanto.

De um casal sabemos nós, que ali tem a sua pousada — fazendo vida digna, no entanto.

E numa furna a meia encosta, um pouco para cima do Alto da Boavista.

Foi há dias ainda que lá estivemos, quasi em seguida á cerimónia de um baptismo.

Um baptismo, a meio da serra? — perguntará, incrédulo, o leitor.

E verdade. Não a cerimónia — por certo — mas a festa. Dois meses antes, nascera ali, naquela cova, um delicioso bebê. E aquela cerimónia realizara-se no dia em que lá fomos.

Pais — o casal referido: êle, um rapazola franzino, 20 anos apenas; ela, um tipo feminino talvez curioso, de 36.

De padrinho servira o Stuart... conhecem: êsse artista enorme, esplêndido, «double» de boémio eterno, incorrigível. E ficava bem a sua figura, ali — apadrinhando a criança assim nascida em tão estranhas circunstâncias. E tão estranhas, de facto, que por momentos me lembrei de outro nascimento, lá muito longe, em Belém, há mil e tantos anos — Deus me perdôe!...

Pois foi a convite de Stuart que o acompanhei á referida morada.

O leitor nunca entrou numa dessas furnas... Cuidado, pois. Logo á entrada, há que nos curvamos, tão baixa ela é.

Agora — vejam — a alcatifa, — talvez um pouco escorregadia: palha, muita palha, cobrindo todo o chão.

A um canto, o catre: uma tábuas com uma enxérga em cima, uma manta e dois lençóis, muito lavados: logo ao lado, um caixote servindo de mesa de cabeceira; uns trajes, pobres, pendurados, aqui ou ali, muito limpos também; e um ou outro utensílio de cozinha, próximos de dois tijolos queimados — o fogão.

Era toda a fortuna do casal. Pobre. Muito pobre, tudo. Nem luz havia, tudo envolto numa penumbra constante. E, no entanto, qualquer coisa subsistia pairando, que nos alegrava e satisfazia; qualquer coisa talvez nos seus modos, na ternura com que se olhavam e com que olhavam o filho — mas qualquer coisa onde a felicidade transparecia, irradiando.

Inquirimos da sua vida: êle, desempregado há muito, trabalha agora como

engraxador ambulante e em tudo o mais que casualmente lhe apareça; é doente — um pobre tuberculoso — mas a força de vontade supera-lhe a fraqueza física; ela, ajuda também, quando e quanto pode, trabalhando «a dias».

E, apesar de tudo — soube-o depois — são na verdade felizes, em meio da sua pobreza — realizando quasi, praticamente, a lenda antiga do homem feliz... que não tinha camisa.

Não nos demoraremos a falar da pequena festa, assim realizada no seio da serra e sob tantas toneladas de rochas — tão simples ela foi.

Demasiado nos demorámos já. Deixemos, pois, êste lar feliz — sem desejos, sem ambições.

Saiamos. Deixamos assim, talvez, atrás de nós, os únicos seres verdadeiramente felizes que podemos ter encontrado através da vida. Talvez. Mas — lá fora brilha o sol!...

ALEX

Pobres de pobres, são pobrezinhos...

Começa assim, uma poesia de Junqueiro. Todos a conhecem — como se conhecem todas as poesias do que foi o maior Poeta do seu tempo.

Eu li-a, pequeno ainda, em qualquer livro escolar. E recordo-me até de que não sabia então explicar a mim mesmo o que, no entanto, nela sentia já de beleza e de profundo conceito.

Aquela frase, principalmente, nem o próprio professor — lembro-me também — sabia explicar-no-la devidamente.

Compreendi-a depois, através da vida...

Pobres de pobres...

As encostas de Monsanto, com as suas furnas perfurando a serra em todos os sentidos, constituem um intrincado labirinto, que em certas ocasiões têm chegado mesmo a atemorizar a própria policia.

E que Monsanto é já — por assim dizer, tradicionalmente — valhacouto de indesejáveis — bandidos da pior espécie, fugidos á policia, ou mesmo simples vadios, levando a vida... sabe Deus como...

Em cada uma dessas cavernas, dormem ás vezes muitos cadastrados — homens e mulheres, numa amálgama tremenda — cada um sabendo já o lugar que lhe compete e para o qual se dirige logo ao cair da noite. São êstes os locatários propriamente ditos daqueles antros nunca beijados pelo sol. Além destes, há, porem, os hóspedes ocasionais — individuos que, não tendo mais onde se acolham, ali acorrem, simplesmente procurando um canto onde se estendam sem o perigo de serem incomodados... E por ali ficam, uma ou outra noite — mas afastados sempre dos primeiros, que os repelem, por sua vez detestados até mesmo por aqueles «indesejáveis» da sociedade...

De vez em quando, a policia organiza por ali as suas batidas — espécie de caçadas para as quais nunca há «defesos». Verdade seja que nem sempre elas dão o resultado desejado — quasi diríamos que raras vezes o dão... Mas não importa. Passam-se dias, e logo outra batida se organiza; é que,

EXPERIMENTE este novo alimento PARA A PELE e terá uma bonita tez



Fornecendo á pele e aos tecidos os preciosos alimentos nutritivos, crême fresco e azeite especialmente preparado como os que contém o Crême Tokalon, auxilia-se mães de jôvens e senhoras a obterem a pele clara, fresca, suave, aveludada, faces rijas, rosadas e uma tez maravilhosa.

Experimentai hoje um boião e ver-vos eis rejuvenescer.

O Crême Tokalon é o segredo de uma tez esplêndida e do juvenil aspecto das numerosas actrizes e estrélas de cinema.

O Crême Tokalon encontra-se em todas as perfumarias e nas boas casas do ramo. Não encontrando, escreva á Agência Tokalon (Secção X), SS, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

A prisão, em Portugal, dum cúmplice do rapto do general Kutieпов

“Escamoteações Humanas”

A notícia de que a policia portuguesa prendera um dos figurantes do misterioso rapto do general russo Kutieпов — inverosímil filme que a Guepeau de Moscovo misencenara em Paris, em 1930 — souo como uma martelada de gongo, não só em Portugal como em todos os países que se emocionaram então ante esse espectáculo prodigiosamente intrigante. A hora a que escrevemos este artigo ignora-se ainda, de forma positiva, se o individuo caído nas malhas policiaes — Romanov — é Sérgio Ledsky ou Moisés Lidsky, o «chauffeur» que conduziu o raptado e os raptadores de Paris a qualquer pequeno porto de mar — frente ao qual um hiate aguardava a presa para a levar para a capital bolchevista, onde o chefe dos russos brancos se sumiu para sempre. Mas o assunto, só por si, evocando essa proeza da mais maquiavélica organização policial do mundo — a «G. P. U.» — obriga-nos a recordar uma série de «escamoteações humanas» que os «interesses de Estado», a politica, a diplomacia subterrânea de vários países e de várias épocas realizaram, para se desembarcarem de um traidor perigoso, para inutilizar a acção de um adversário, para vencer a resistência de um cúmplice necessário que á complicitude se recusa.

Em certas zonas históricas, sombrias, labirínticas — ésses «ilusíonismos de homens» tornava-se fácil, já pelas condições de vida, já pelo poderio ilimitado dos governos — embora se enroupassem com aspectos folhetinescos e teatraes. Mas que no século XX raptem, em pleno dia, no coração de uma grande capital como Paris, um homem como o general Kutieпов, que era vigiado, guardado, cercado por dezenas de fiéis; que o levem, como a uma criança, através da França, que o embarquem num barco qualquer sem que ninguém o note — é que ultrapassa todas as lógicas.

Mas não julguem que o caso do general russo está isolado, na nossa época. Precisamente esta imprevisita prisão que pode orgulhar a nossa policia — coincide com a «reprise» dessa façanha — e em proporções mais maquiavélicas ainda. Referimo-nos á «escamoteação» do ex-ministro da Jugoslávia, Petro Veronovitch, levada a efeito em Roma, há pouco mais de dez dias.

Uma escamoteação em plena Roma

A gravidade política e diplomática do assunto explica o silêncio denso com que é abafado na Imprensa internacional. Apenas apareceu nos jornais portugueses — num telegrama de três linhas, datado de Belgrado — attribuindo o desaparecimento do ministro a um desastre durante um passeio de auto pelos arredores da capital romana, não tendo sido ainda encontrados nem o carro nem o cadáver... Só o indiscreto Demain alargou as suas informações — revelando a verdade; e mesmo assim, embora promettesse no-

O rapto do ministro Yugo Slavo. — Um espia... tauromáquico

vas reportagens sobre o rapto — não panhavam, estava em ordem; os instornou sequer a referir-se-lhe ou a desculpar ou explicar o seu mutismo.

É conhecida a situação política entre a Hungria e a Jugo-Eslávia, criada pelo atentado de Marselha. O governo húngaro foi eloquentemente acusado de cúmplice nessa tragédia, pelo acolhimento que dispensara aos membros das várias seitas terroristas, macedónias e croatas, donde partiu a organização do assassinio do rei Alexandre. O papel da Itália, nesse conflito, era muito especial, visto que o incidente punha em jôgo a sua politica ante os dois países; por isso mesmo a sua attitude teria um significado decisivo no seu desenlace.

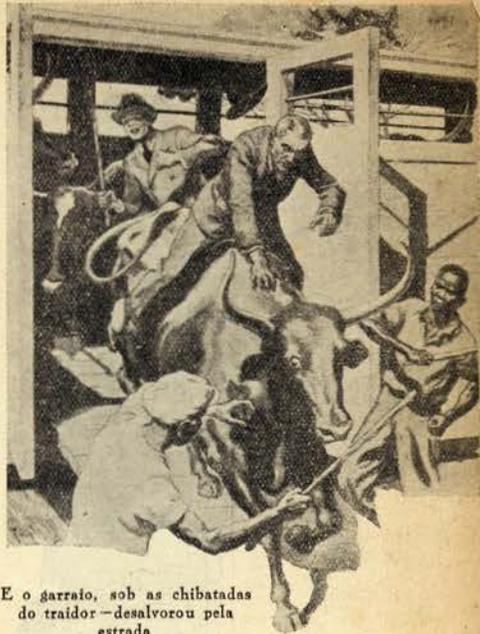
O ex-ministro Petro Veronovitch residia, há anos, em Budapeste, sob qualquer pretexto — mas, pelo visto, a sua oculta missão era a de espiar os manejos dos emigrados políticos do seu país e o procedimento do governo húngaro para com eles. Acumulou, ao que parece, provas gravissimas contra a Hungria; e tanto assim que a Jugo-Eslávia o encarregou de ir a Roma apresentá-las a Mussolini, na certeza de que elas influiriam nas decisões do «Duce» ante o conflito.

Veronovitch, temendo tanto pela documentação como pela sua pessoa, rodeou a sua viagem do maior mistério; e em vez de se instalar num hotel, alugou um «chalets» dos arredores, o qual estava, noite e dia, vigiado por agentes policiaes seus, que o acompanhariam toda a viagem. Na véspera da primeira entrevista com Mussolini, a meio da noite, um dos agentes de sentinela aos jardins do «chalet» sentiu, de brusco, o rosto enfiado por um jacto de luz. Ia a desembalsar o revólver, quando da sombra surgiram outros desconhecidos.

«— Nem um gesto. Somos inspectores da policia romana e temos ordem para o prendermos — a si e aos seus colegas.»

Os três ou quatro guardiões do ministro jugo-eslavo não resistiram, convencidos de que um equívoco levava a policia italiana a capturá-los — mas que, em poucas horas, tudo se esclareceria. Foram levados em vários automóveis; e depois de uma caminhada de algumas horas, os «policiaes» obrigaram-nos a aprear — e abandonaram-nos em pleno êrmo, partindo em grande velocidade. Já na suspeita de que tinham caído numa cilada, regressaram a pé; e quando, ao amanhecer, entraram no «chalets», Veronovitch, desaparecera.

Dado o alarme, policiaes autênticos puseram-se em campo; mas só dois dias depois conseguiram uma pista... Passara a fronteira suíça uma auto-ambulância, conduzindo um enfermo grave, destinado a uma casa de saúde de Berne. Tanto a documentação do doente — que ia como que desmaiado — como a dos enfermeiros que o acom-



E o garralo, sob as chibatadas do traidor — desalvorou pela estrada

pectores da fronteira não opuseram a menor dificuldade á passagem.

A esta hora, Veronovitch deve encontrar-se sequestrado nalgum castelo húngaro — e os seus preciosos papéis feitos em cinzas...

Os «raptos» durante a guerra

Durante a guerra estas «escamoteações» eram frequentes. Certo moço catalão, boêmio, gastador, aventureiro, que em tempos tentara a arte tauromáquica — foi seduzido pelas promessas de riquezas de um grupo de espiaes alemães. Foi a Franca, obteve as informações encomendadas, praticou façanhas dignas da *Fraulein Doktor* — e conseguiu regressar a Espanha... com vida — embora a policia de contra-espionagem estivesse já na sua puiçada. Esta fez todo o possível para obter, do governo espanhol, a sua extradição, acusando-o, não de espião, mas de criminoso comum; mas ao compreenderem que a Espanha não o entregaria — resolveram «escamoteá-lo», custasse o que custasse...

Um outro espanhol, que estava a soldo da França, procurou conquistar a sua amizade, tornando-se seu inseparável. Um domingo propôs-lhe uma «pândega» numa aldeia, vizinha á fronteira francesa, onde havia festa grande, e onde se organizara uma tourada de garraios. Embriagou-o um pouco, e, excitando-lhe a vaidade... tauromáquica, fê-lo entrar no «vagon» onde iam os garraios.

«— Já não és capaz de realizar aquelas proezas que outrora tanto te orgulhavam!» — insinuou.

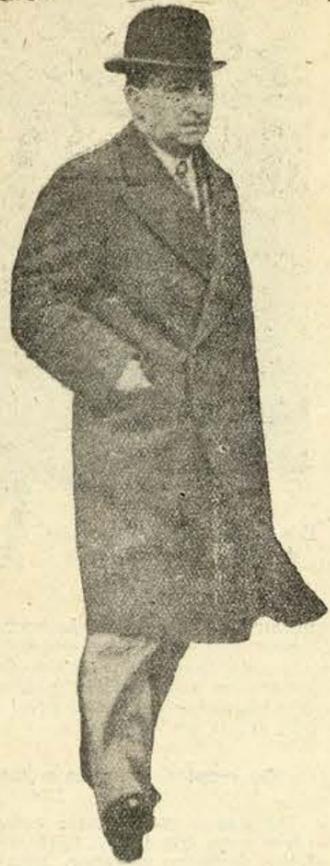
«— Não digas isso! Sinto-me como nos meus vinte anos. Como queres tu que eu to prove?»

«— Recordo-me de que, uma vez, conseguiste montar um «bichon» como qualquer «cow-boy» e andaste sobre ele perto de meia hora.

O outro aceitou o desafio; montou o garraio que partia, desalvorado, sob as chibatadas com que o autor da cilada o lategava; e assim correram por uma curta estrada que conduzia a França — passando a fronteira, sem que os guardas espanhóis intervissem, rindo-se da «paródia»; mas mal passou a fronteira, o espia foi cercado pelos franceses, desmontado e preso...

Episódios ineditos da vida policial do Juiz Veiga

OS GRANDES POLICIAS DE ESTADO



William Scott, o detective dos presidentes dos Estados Unidos

TODAS as gazetas desengavetaram dos arquivos recordações e devassaram intimidades, cheias de interesse, sobre o juiz Veiga — quando, há dias, esta figura — um dos mais brilhantes e estranhos artistas de todos os elencos que o reinado do rei D. Carlos acartizou — foi riscado da ardósia da vida, ao dobar dos oitenta anos.

Em todos os períodos históricos que



Berto Pizarro, o Director da Policia Especial de Mussolini e antigo jornalista (Cliché 1)

marcam uma curva violenta e revolucionária, em que se entrecrocavam antagonismos políticos possantes; sobretudo quando a tempestade gira em redor de um «Homem», simbolo de uma «Ideia» ou de uma «Fé» — seja esse homem imperador, rei, ministro de Estado, chame-se Napoleão, Cromwell, Fernando VII, Mussolini, Bismarck, Marquês de Pombal, Estrada Cabrera, Lenine, Hitler ou Dolfuss — surge sempre uma figura que, em silêncio, organiza e comanda a batalha contra os adversários — esfumado em mistério, — o colaborador da confiança do «Grande Piloto», a blindagem cerebral — e, por vezes, necessariamente maquiavelica, contra todas as conjuras subterrâneas; aquele que, dentro ou fora da sombra, mas sempre mudo, insensível, indiferente a ódios e a acusações e a perigos e a ameaças — toma a seu cargo a vigilância dos «outros»; e até... de «todos» (porque as traições são frequentes em todas as hostes); a previdência contra todas as ciladas; a espionagem dos mínimos movimentos dos inimigos...

Não basta, para esse cargo, o de maior responsabilidade entre todos os que formam a maquinaria dos «Grandes Poderes» — virtudes de energia, de actividade, de insensibilidade, de coragem, de intransigência, de simples «técnica policial»; exige-se, principalmente, dotes invulgares de inteligência, de astúcia, de imaginação, de... maquiavelismo — no melhor sentido da palavra.

O juiz Veiga representou, nesse capítulo da nossa história contemporânea — a mais emocionante e rica de imprevistos e de novelesco, essa *fiara* teatral, enigmática, grand-guignolesca de uma multidão de *marionettes*, captando, no silêncio do seu laboratório, todos os segredos dos adversários, floreteando, na sombra, contra eles os seus espias, destroçando-lhes os planos, esfarelado-lhes as conjuras, dispersando-os, perseguindo-os — cumprindo, enfim, o seu dever, a sua missão, de «Defensor»!

...Tudo o que se podia revelar sobre o famoso juiz Veiga — foi dito e redito pela Imprensa. Recordaram-se frases, episódios, atitudes; avaliaram-se as injustiças dos que o caluniaram, na cegueira, aliás humana, da batalha; iluminaram-se valores morais, de carácter e até de generosidade — que eram ignorados. Falta apenas radiografá-lo, sob o ponto de vista técnico, policial; estudar o seu sistema de espionagem; a sua estratégia; evocar algumas novelas do seu «sherlockolismo» político e moral — algumas das quais tão bem urdidas e empolgantes como as que Conan Doyle inventou...

...Mas antes de o revelarmos sob este aspecto — faremos desfilar, à busca de contrastes, outras «figuras policiais» do seu quilate que, através da história ou das histórias dos outros países, marcaram o seu lugar, como ele marcou, em defesa de um Homem, de um Regime ou de um Estado...

Fouché, o «homem dos olhos de tigre»

Fouché é um nome que arrepiava mas que prova, simultaneamente, a gula-seima de uma curiosidade enervante,

Fouché, o «Maquiavel» do império francês. — O assalto a Malmaison. — Yvan Petroeff, que salvou 10 vezes a vida ao czar. — Berto Pizarro, o «Sherlock» do governo italiano. — O caso do Palácio Ghigi. — João Roxo, o polícia de Pombal. — O chefe de polícia de «White House». — Uma anedocta de Clover, o detective de Jorge V. — Como o juiz Veiga salvou cinco jovens fanáticos

sedutora, irrepreensível. Fouché — «l'homme aux yeux de tigre» (o homem dos olhos de tigre...) como o apodavam os seus contemporâneos, pertencia à fauna dos ambiciosos sem escrúpulos, a quem a Revolução Francesa ofereceu a oportunidade, inverosímil até então, de realizarem os seus sonhos, de satisfazerem os seus apetites intuitivos de vitória. Nas horas de incer-



O juiz Veiga, na época em que dirigia a P. I. C. portuguesa

teza — manteve-se neutral. Nos meses de terror vermelho, lisonjeou, quando pôde, a fúria sanguinária dos revoltosos... No momento de acalmia, orientou-se, apercebeu-se, inteligentemente, de que o futuro pendia para outro ambicioso — para esse corso genial que foi o imperador Napoleão — e então, convencido de que estava em terreno sólido, procurou a forma de se tornar indispensável ao que havia de ser, não só o senhor da França — mas do mundo. Viu que o general, o «cônsul» preparava o salto, que previra tudo — mas que se esquecera precisamente do mais importante: da organização policial-política...; e era, precisamente esse cargo — o de «Ministro da Policia», — que ele objectivava. Como conseguiu — sobretudo sentindo que Napoleão, tão «águia» como ele, não o acolhia com simpatia, diagnosticando em silêncio a sua astúcia, as suas manhas, a sua deslealdade nata?

Foi relativamente fácil conquistar o primeiro posto. Alistou várias brigadas de espias, por sua conta e risco, pagos pelo seu bôlso; brigadas que se desconheciam entre si, que se vigiavam mutuamente; além disso, a peso

de ouro, conseguiu espias entre os próprios intimos de Bonaparte e da sua própria familia. Uma das irmãs do imperador, «coquette» e pouco escrupulosa, a trôco de umas jóias, se prestou a informá-lo... E todos os dias Fouché encontrava pretexto para pôr Napoleão de sobreaviso contra os manejos suspeitos daqueles em que ele confiava.

Fouché tornou-se uma necessidade para o imperador; mas este resistia a entregar-lhe o Ministério que cobicava. Começou a pagar-lhe as denúncias — e até... a chamá-lo, a encarregá-lo de certas missões. Um dia Fouché disse-lhe:

«Vossa Majestade cre que Delamarque (Delamarque era... o «juiz Veiga» de Napoleão, pela honestidade de processos que usava) o defende suficientemente contra os seus adversários. Pois bem: ele ignora que durante dois meses os vossos inimigos conjuraram o seu rapto; permitiu que Vossa Majestade viesse passar o domingo a este palácio, sem defesa — entregue apenas a uma guarda irrisória comparada com os assaltantes, que já estão a caminho para o cercarem, e o levarem — e... sabe Deus com que outros fatos...»

«Mentes! — gritou o imperador. — Delamarque é-me dedicado como um filho e previdente e competente! Isso é uma habilidade tua para te apossares da sua situação...»

Nesse momento ouviu-se forte fuzilaria em redor de Malmaison. O imperador empalideceu! Um oficial veio segredar-lhe que o palácio estava sendo atacado! Fouché sorriu-se; tomou uma pitada de rapé — e sossegadamente disse:

«Nada tema Vossa Majestade! Não me enganei — nem nas horas. São oito! Era a hora fixada pelos conspiradores! Dentro de dez minutos estarão todos presos — visto que estão cercados por forças mui superiores, que estavam ocultas na floresta...»

«Mas... quem chamou essas forças? Quem as instruiu?» — indagou Napoleão.

«Fui eu! Como não tive tempo para falar com Vossa Majestade — tomei a liberdade de falsificar uma ordem sua, ordenando ao general Delabard para cercar Malmaison e armar esta cilada aos traidores que pretendiam raptar o seu imperador! Eis o crime. Majestade, que o seu dedicado e inteligentissimo Delamarque não seria capaz de cometer!»

Na alma do imperador debatiam-se o rancor contra aquele homem que o vexava — salvando-o — e o reconhecimento do seu valor; mas dessa fricção fazeu a necessidade indiscutível de lhe entregar a pasta da policia...

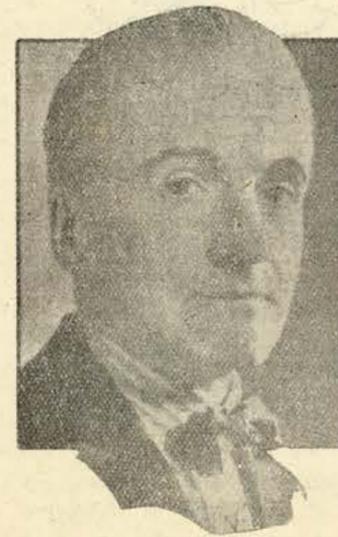
Contudo — nunca o suportou; e um dia — anos depois, a um pretexto mais berrante (e na certeza de que a maqui-

caria de espionagem do ministério estava por tal forma articulada que qualquer outro a poderia manejar) substituiu-o. Fouché sorriu-se, tomou a sua habitual pitada de rapé — e despediu-se em silêncio. Uma semana depois era de novo chamado por Bonaparte. O substituto temia enlouquecer — tantos os fracassos que, em tão curto prazo, ele sofrera. Porquê? Porque Fouché, prevenido do que se ia passar despedira todos os seus espias (secretamente de acordo com os seus funcionários); colocara, nesses lugares, indivíduos incompetentes; trocara os seus preciosos *dossiers* por uma papelada qualquer — de forma que o seu sucessor se encontrou sem documentação e sem pessoal!

De João Roxo, de Pombal, a Clover de Jorge V

Fouché é a síntese do manhoso, do velho, do tenebroso chefe policial em defesa de um Estado. Mas as antíteses abundam — até na nossa história.

Os cronistas que queimam incenso à obra política do Marquês de Pombal, calam injustamente o nome de um dos seus mais preciosos colaboradores — sem o qual não eram certamente possíveis muitos dos seus triunfos — os seus triunfos contra os inimigos que procuravam escamotear-lhe a confiança real. Esse colaborador quasi ignorado chamava-se — ou era alcunhado — «João Roxo». A policia pombalina, infiltrada por toda a parte, até na própria corte e nos lares da fidalguia que o odiava — era desconhecida pelo Marquês. O Marquês só lidava, só confiava num homem; no «João Roxo». Alta madrugada, batia maconicamente em certa porta do seu palácio — onde é hoje a rua do Século — um embaçador. O Marquês já o esperava. Fechava-se com ele longas horas. E o embaçador saía — surmido na negrura da



Clover, o particular de Jorge V que acaba de reformar-se

(Foto de há 25 anos publicado pelo «Journal Bull», de Londres)

Yvan Petroeff, o policia secreta do ultimo czar, que lhe salvara dez vezes a vida — hoje exilado em Londres, onde prepara as suas «memorias»

(Cliché de «The Graphic»)



noite... Pelas esquinas especavam-se sombras misteriosas, que seguiam depois, na sua pegada: eram os seus lugares-tenentes.

Nunca se soube ao certo onde funcionava este «Intelligence Service» secreto do célebre ministro... Um contemporâneo insinua que João Roxo — aliás pessoa modesta — possuía várias casas, em bairros diferentes, e que cada chefe de brigada, como agora se diria, só conhecia uma dessas residências — e... desconhecia os outros colegas. Por sua vez, os agentes de cada brigada só conheciam o seu chefe — e jámais se entrevistaram com o chefe supremo — o João Roxo. Esta complexa organização, além de produzir uma espionagem mais segura e de fácil «controle», evitava traições, subornos, indescricções... Garças a ela, o Marquês estava sempre em dia com o que se passava, o que se dizia, o que se preparava...

Uma das figuras mais curiosas desta galeria é sem dúvida Ivan Petroeff — o verdadeiro, o menos falado, o mais oculto dos defensores do último czar. Vários príncipes e generais foram discutidos e exibidos como chefes da policia russa no tempo de Nicolau II; mas aquele que melhor soube cumprir essa missão, o Maquiaveli que jámais descansava, que informava os outros, — os príncipes, os generais — era Ivan Petroeff.

Apenas conhecemos uma citação detalhada a seu respeito: a que o francês André Mauchin, professor do *tzarovitch*, escreveu na *Illustration*, após a tragédia de Ekaterimbourg. «Ivan Petroeff — diz Mauchin — começara por simples esbirro. Os seus serviços salientaram-no por tal modo que o imperador quis conhecê-lo. Pouco depois nomeou-o chefe da brigada que devia defender a sua vida e a da familia. Era tão grande a confiança que Nicolau depositava nele — que nunca discutiu as suas despesas, embora estas subissem, por vezes, a milhares de rublos mensais. Basta dizer que só o seu pessoal permanente — alheio, em absoluto, aos quadros da policia oficial — era de trezentos homens e cinquenta mulheres. Um dia o imperador apresentou-me nos jardins do Palácio de Inverno; e quando ele partiu, disse-me: «Este homem salvou-me da

morte pelo menos umas dez vezes. Em 1910, no momento de eu subir para a carruagem, à saída da Ópera, senti-me seguro por um braço — e ouvi alguém, atrás de mim, ordenando para o «chauffeur»: «Parta imediatamente e na máxima velocidade!» Calcule a minha surpresa e a de todos os que me cercavam, sobretudo ao constarmos que o «chauffeur» obedecia a essa ordem! Voltei-me, e dei com Petroeff. Apesar da tolerância e confiança que nêle depositava, senti-me vexado e ia a indignar-me ante o seu abuso — quando ouvimos o estrondar de uma bomba... É que, a pouca distância do teatro estava preparado um atentado contra mim! Petroeff não tivera tempo de tomar outra medida senão... aquela! O «chauffeur» era... um dos seus homens — dedicado e cego às suas ordens! Uma palavra d'êle era um dogma. Partira, obedecendo-lhe — e ficou entre a vida e a morte!»

Após a revolução de 1917 Petroeff exilou-se: vive ainda, modestamente, em Londres. Há poucos meses, *The Sphere* publicou um retrato seu.

Mussolini teve, nos primeiros anos do seu governo, um «piloto» da sua policia particular secreta — mui diferente, em todos os aspectos, do nosso juiz Veiga — e mui aparentado, pelo tom sinistro da sua técnica, ao tradicional Scarpia — seu compatriota. Verdade se diga que o «Duces» não só, aos primeiros abusos, o afastou — como o castigou severamente: referimo-nos a Angelo Carpi — que, dizem, foi um dos dramaturgos dessa cena trágica da morte de Matteoti. O actual chefe da policia fascista, o ex-jornalista Berto Pizarro — afamou-se pela nobreza dos seus processos, pela integridade do seu carácter — e pela sua fobia à violência. E, contudo, a sua acção tem sido fértil. Foi, graças a êle, que Mussolini se salvou de um atentado que lhe estava preparado há anos. Dizia o «Duces» discursar de uma varanda do Palácio Ghigi. O olfacto policial de Pizarro denunciava-lhe... algo. Passeando pela praça, depois de ter tomado todas as medidas possíveis, notou que todas as janelas, de todos os prédios, estavam escancaradas e apinhadas de admiradores do «Duces» — ou de curiosos apenas: apenas uma, a de um segundo andar de certo hotel estava com as persianas corridas. Um palpito levou-o a subir ao quarto correspondente a essa janela — e entrando de brusco, surpreendeu um sujeito que empunhava uma carabina...

O mais feliz de todos é, sem dúvida, William Scott, o chefe da policia especial de White House, de Washington, ou seja dos presidentes da República Norte-Americana. Exerce o seu cargo desde 1914, ganha mil dólares mensais (algo como vinte e quatro contos); dispõe de uma verba secreta de 1.000.000 de dólares, dizem-no rímisimo — e, felizmente, pouco trabalho tem tido até agora...

Sobre Clover, o «detective» exclusivamente dedicado à defesa do rei Jorge v, de Inglaterra — que há pouco se reformou — a Imprensa inglesa publica largos artigos, alguns dos quais contendo revelações curiosas. Este «detective», que se retira do activo amealhando uma fortuna de perto de 2.000 contos — declara:

«Estive ao serviço de Sua Majestade desde o início do seu reinado; acompanhei-o a toda a parte — mas, graças a Deus, jámais tive de me defrontar com um perigo, com uma ameaça contra o rei! Poucos Chefes de Estado terão atravessado a vida com tão poucos inimigos! Só uma vez, numa commoção do armistício, sus-

peitei de dois individuos que se mantinham calados e sombrios ante a alegria e o ruidoso vivório da multidão; e essa suspeita tomou tais proporções que os mandei prender! Afinal... eram surdos-mudos, razão única e bem compreensível, da sua attitude!»

Um episódio inédito do juiz Veiga

Do juiz Veiga contaremos um episódio que consideramos inédito em Imprensa — e que vale, pelo menos, como diagnóstico do seu carácter e da sua divisa, como chefe policial político: «Cumprirei o meu dever, custe o que custar e a quem custar; defenderei, seja como for, o que me foi entregue para defender, mas procurarei sempre ser o mais generoso possível!»

Um dos seus «homens» prevenira-o de que R... um moço romantico (hoje advogado e literato de renome, nessa altura apenas estudante) se estava chamuscando em conjuras ardentes. Ordenou que o vigiasse de perto. É que o juiz Veiga conhecera-o na meninice e mantivera com o falecido pai, estreitas relações de amizade; contudo o seu dever — sempre o dever! — obrigava-o a alistá-lo entre os inimigos do regime — e dos mais perigosos — pelo seu entusiasmo, a sua exaltação. Em certo momento é avisado de que o grupo, ao qual pertenciam exclusivamente jovens com o temperamento — a cegueira — de R... decidira um golpe violento, um «golpe de acção»... O informador detalhou-lhe local, horas — todo o plano! Que fazer? Capturar os conspiradores, colocá-los na contingência de serem desterrados, perdê-los, em suma? Deixá-los em liberdade — aptos a executar o seu diabólico, embora inconsciente, projecto?

E o juiz Veiga (que só revelou este seu acto, um dos mais simpáticos da sua vida, poucos anos antes da sua morte, a um jornalista que o entrevistou) decidiu devassar um pouco a vida dos cinco conjurados; e uma vez em posse dessas informações enviou agentes seus para cinco localidades diferentes: Evora, Barcelos, Viseu, Covilhã e Coimbra. Cada agente levava já o original de um telegrama que devia, dessa localidade, dirigir a um dos conspiradores. O texto era quasi igual em todos: «Toma o primeiro combóio e vem imediatamente. Fulana está em perigo de vida». Essa Fulana variava; para uns era o nome da mãe ou da irmã; para outros da noiva ou da esposa — residente, respectivamente, em Coimbra ou Covilhã ou Viseu ou... etc...»

Ante tal noticia — nenhum deles hesitou — esquecidos todos imediatamente dos seus compromissos de conjura e todos partindo, angustiados e apressados, a uma vez desembarcados na «gare», o agente, obedecendo às instruções recebidas, prendia-os, demorava-os 48 horas no Governo Civil; sossegava-os sobre o estado de saúde do ente que lhes era querido; e passada a oportunidade prevista para êles cometerem a loucura combinada — saltava-os e deixava-os regressar a Lisboa...

«Fui talvez um pouco cruel, assustando-os com o meu telegrama... — confessara o juiz Veiga, depois de contar a sua façanha — mas assim... salvei-os de males mais dolorosos — e talvez irremediáveis!»

R. X.

A fauna dos cafés de Lisboa

(Continuação da pág. 4)

Num incendio



O habitante do último andar que é artista de circo, para os bombeiros que lhe estendem a manta para êle se atirar:

— Não preciso disso! Estou acostumado a trabalhar sem rede.

«— Parecees um provinciano em Lisboa — com o teu pasmo! Esse espécime é dos menos escandalosos! A leitaria a que tu te referes é, de facto, «rendez-vous» dessa gente — dêsse matrimónios ditosos, que vivem uma aparente harmonia e de consciencia calma. Tomam o seu café, o seu cálice — e, chegando à hora, separam-se... Então — dá-se mutação de cenários... Elas — desaparecem na noite; êles começam a agrupar-se em várias casas — preferindo as leitarias... A zona predilecta é a Rua Arco de Bandeira. Se passares revista a essa rua só encontrarás homens, nas lojas do género. Bebem, palestram, jogam... — consultam o relógio — discutem, a meia voz, os negócios últimos... A meio da madrugada começam «elas» a reaparecer — tão humildes, tão burguesas de aspecto — como as mais burguesas das esposas! Tomam cacau; comem uns bolos; alongam o cavaco ameno como famílias pacatas numa «soirée» da Rua da Estefânia; despedem-se, formam-se de novo os casais — irradiam-se, regressam aos lares...

«Se o teu jornal não entrasse em casas honradas que ignoram o hábito dêsse pântano, dar-te-ia detalhes de agoniar... Mas já com essas informações levás, para a tua reportagem, alguns dos «clichés» mais nauseabundos da vida nocturna de Lisboa.

OLIVEIRA ABRANTES

Visado pela Comissão de Censura

À volta da Bibliotéca de D. Manuel

Ladrões de livros raros

e falsificadores de autógrafos preciosos

QUANDO em Agosto do ano passado, tiveram de vir para Portugal os preciosos exemplares da biblioteca do último rei de Portugal, após a exposição em Londres e Paris, uma pessoa — armada em detective-vigilante — acompanhou os caixotes desde Fullwel Park até Lisboa. Acompanhava essas caixas de papéis um inglês que só os largou de vista quando a Polícia portuguesa as tomou à sua conta.

Para que seria necessária tanta precaução por umas obras de literatura? O caso explica-se muito bem.

Sucedem, por vezes, que quadrilhas bem organizadas — dedicando-se exclusivamente ao furto de objectos de arte, livros, reliquias e outras raridades, as escamoteiam e substituem — mais tarde — por outras falsas.

Eram esses livros, que viriam enriquecer o tesouro português, autênticas obras-primas — raridades, exemplares únicos no Mundo — e que o falecido monarca conservava como o amator de jóias conserva preciosidades de ouro, prata ou pedras.

Constituída a sua biblioteca de valiosos exemplares de séculos recuados — e sobretudo do século XVI — só a guarda de uma ou mais pessoas poderia evitar um desvio.

E o mais grave — é que esse... desvio esteve prestes a dar-se, numa habilíssima cilada que os ladrões, especialistas neste género de roubo, arma-

Uma cilada aos livros do ex-monarca português. — Escamoteações prodigiosas. — Um misterio em redor da «Bíblia» da Universidade de Coimbra. — Os novos ricos, os museus americanos e os «Arsénios Lupins» da especialidade. — O «Rei das Espingardas de Caça» compra por 25.000 francos uma carta dum «Rei de França». — O sonho de Rouen. — Um jornalista português que enriqueceu exportando livros raros para Inglaterra. — As cartas de Napoleão para Maria Luíza

ram — o que, só por um milagre, se evitou...

Os coleccionadores milionários e os museus americanos

A raridade livresca, como todas as raridades, têm os seus fanáticos. Conta Dickens, num dos seus livros, que certo inglês, maníaco, sem encargos de família, nem ambições, nem luxos, queimou a pequena fortuna herdada, na compra de autógrafos de personagens célebres; e que uma vez arruinado, se esfalfava a mourejar quinze horas diárias, sacrificando-se a uma vida quasi miserável, para continuar a adquirir manuscritos para a sua coleção.



Harry Ridler, milionário americano, que possui uma das mais valiosas coleções de autógrafos

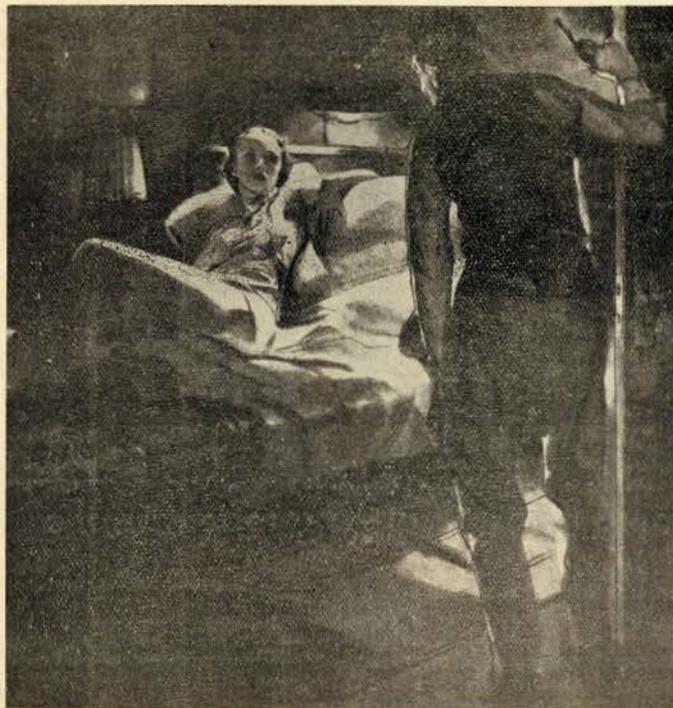
(Caricatura de The Humorist)

Na Inglaterra e, sobretudo, na América do Norte, superabundam esses entusiastas coleccionadores — entre os archi-milionários, entre os «dollars-kings» e os «pounds-kings» que gastam fortunas anuais, descobrindo, pagando obras de arte, raridades pictóricas, quadros, estátuas, autógrafos, etc.... Mantêm verdadeiras brigadas de espíões para que farejem essas preciosidades e para que... se apossem delas — seja como fór! A sua paixão atinge tal delírio — que até lhes abafa a consciência!

Mas não são só os «particulares» ricos e fanatizados. Os próprios directores dos museus norte-americanos fecham muitas vezes os olhos ante os processos que certos individuos, que lhes vão oferecer maravilhas ou raridades sem preço (um Murillo, um Miguel Angelo, um Leonardo Da Vinci, uma carta de Pio XI ou uma folha do damente, verdadeiros Arsénios Lupins, uma página manuscrita de Molière) usaram para as adquirir — cegos pela vaidade de enriquecerem esses museus...

Como é natural, da fauna dos «internacionais» que querem gozar a vida fofamente, com todos os prazeres — e pouco escrupulosos ante os meios de a ganharem, surgem amiudadamente, verdadeiros Arsénios Lupins, que chefiando quadrilhas e engendrando truques novelescos — se dedicam exclusivamente, à profissão de... fornecedores desses coleccionadores e desses museus...

Mas a sofreguidão pelos autógrafos valiosos, raros, sobrepõe-se a todas as outras. Um dos espécimes mais característicos é Mr. Harry Ridler — com quem The Humorist chalaceou, há poucos números. Mr. Ridler, de Filadélfia é o «Rei das Espingardas de Caça» — como podia ser dos fósforos, dos palitos ou das escóvas para dentes. Filho de um operário — como operário começou, pouco dado a letras e muito afanoso na busca da fortuna. Um bamburrio... «à la americaine» — fê-lo trede se dedicar ao exhibicionismo dos «yachmen» ou às festanças sumptuosas ou às viagens caras — deu-se ao luxo de coleccionar autógrafos para «épater les bourgeois» — ou seja... aos seus colegas nos milhões, mostrando-



Foi acordada, a meio da noite, por um individuo que, sob a ameaça de morte...

(Continua na pág 15)

Reportagens dos leitores...

(Seleção das revelações que o correio nos trouxe durante a semana)



Os músicos portugueses e a crise

Sr. director: — Sou madeirense e tudo quanto diga respeito à minha terra me interessa sobretudo, como V. calculará, decerto. Assim, não podia deixar de alegrar-me a notícia — vinda nos jornais de hoje de Lisboa, onde acidentalmente me encontro, como estudante — de que fora já adjudicada a exploração do jôgo naquela ilha; e só nós, os madeirenses, podemos avaliar bem a importância de tal facto para a vida de todos os que ali residem... Mas, exactamente porque êsses assuntos me interessam, venho hoje incomodá-lo para relatar-lhe um facto um tanto ou quanto sintomático. No Reid's Hotel — o principal da ilha e um dos melhores, mesmo, que tenho conhecido através das minhas viagens, encontrava-se, há tempos, contratada uma orquestra portuguesa, que dava os seus concertos às horas do almoço e do jantar dos hóspedes.

Eram portugueses todos os seus elementos, que desempenhavam a sua missão artística a contento de todos.

Mas de todos, realmente? Não é bem. Como gerente do hotel, encontra-se desde há muito um cavalheiro qualquer, italiano, que os não via com bons olhos; e logo que pôde, substituiu-os. Por outros artistas portugueses também? Assim devia ser — tanto mais que desempregados se encontram muitos dos nossos artistas, e alguns, mesmo, dos melhores.

Mas tal não se fez. Foi à Itália que se foi contratar a nova orquestra, inteiramente composta por compatriotas do tal sr. gerente — que, por sinal, nem por isso foi lá muito feliz na escolha que fez...

Mas, de qualquer forma, o que não me parece justo é que assim se sacrificuem a estrangeiros os interesses e os direitos dos nacionais, dentro do próprio país.

Terá razão de ser, na verdade, a reclamação que ora apresento ao seu critério, sobre um caso que, seja dito de passagem, pessoalmente em nada me prejudica?

Sendo assim, poderá V. fazer desta carta o uso que entender.

Lisboa, 4-1-935. — Francisco Simões da Silva.

Uma velha que não dorme

Senhor «X»: — Acabo de ler num jornal inglês, sob o título «Querem ganhar dinheiro com facilidade?» — a seguinte notícia:

«Eis uma maneira segura: inscrevam-se no campeonato mundial da insónia. Foi organizado por um «recordman» da especialidade — um tal Oscar Roggers, de Orleans, Massachusetts. O concurso é assim realizado: Reunem-se dois dos inscritos; e aquele que primeiro adormecer paga ao outro... dez contos.

Portugal, paraíso de estrangeiros — O «récord» da insónia — Uma portuguesa de sessenta anos — que só dorme umas horas de... dôse em dôse dias — Uma importante indústria de avicultura.. instalada numa cave — em plena cidade.

«Para se medir a resistência de Mr. Roggers — basta dizer que um dia apareceu, a desafiá-lo, um cavalheiro que declarou ter estado já um ano em insónia permanente. «Um ano, só? — exclamou Roggers. — Mas nesse caso V. é um... dorminhoco.»

Isto foi o que eu li — e pode ser tomado à conta de exagero «yanque», de «americanismo»! Pois bem: posso apresentar um caso autêntico — creio que único no nosso país. A poucos quilómetros desta cidade — vive uma velhota de sessenta anos, conhecida pela alcunha de «Jarra», que se gaba de nunca ter dormido, nos últimos vinte anos, mais do que uma ou duas horas por semana. Uns rapazes quiseram comprovar o que ela afirmava, instalaram-se na sua casa, revezaram-se durante dôze dias — e garantem que, nesse período, ela nunca fechou os olhos. Só ao fim de dôze dias — se estendeu e adormeceu — despertando duas horas depois — e tão fresca como

se tivesse repousado uma noite inteira!

Viana do Castelo, 28-12-35. — Carlos Novais.

Um galinheiro... numa cave

Sr. Director do X: — Não se pode chamar a êste caso «uma reportagem sensacional» — mas tem, pelo menos, certa graça. Vivo, há anos, para as bandas do «Marquês» — aqui, na velha cidade do Pôrto. Em 1933 construiu-se, próximo à minha casa, um prediozito de dois andares. Veio habitá-lo um casal pouco comunicativo. As próprias criadas — que são três — parecem mudas. Esta reserva, pouco vulgar na nossa gente, bastaria para chamar a atenção da vizinhança; mas o que, sobretudo, despertou certa antipatia dos habitantes da rua foi o cheiro horrível que tal casa exalava. Dir-se-ia que se amontoavam podridões no interior. Outro detalhe. Os habitantes da rua, quando regressavam tarde a casa, viam sempre uma ou duas carroças à porta, carregando caixotes enormes. Houve quem, alarmado com tal fedor, denunciasse o caso às autoridades competentes. Estas fizeram uma vistoria — e sabe, sr. director, o que encontraram? Uma cave, a toda a largura e comprimento do prédio, cheia de galinhas e respectivos maridos e filhos! Aquela gente não encontrara melhor local para organizar o seu negócio do que... aquelas caves, num dos bairros mais populosos do Pôrto.

Pôrto, 3-1-35. — Maria Cunha.

Um tribunal de crianças... a «sério»!



PARECE americana pelo aspecto — mas é inglesa e, bem vista, revela a essência da educação britânica — feita de severo e geral respeito pela justiça. Num colégio de Glasgow funciona um tribunal onde são julgados, condenados — ou absolvidos — os alunos acusados de qualquer falta — seja ela uma «cbulice», um sopapo num colega, a escamoteação dum dôce ou uma partida, pregada a um professor. Como se vê pela fotografia que publicamos — o tribunal é totalmente constituído de «miudos» — colegas do réu. O juiz (que usa cabeleira branca como os juizes-homens) tem 10 anos; o delegado, 14; a «advogada» (feminismo precoce...) 11; o escrivão e o «policeman» (também usa divisa) 12 cada um! «The Weekly News» onde topamos com este clichê — comenta, gravemente: «É um exemplo que devia ser generalizado. Assim os ingleses que ali cumprem o regulamento — habilitar-se-hiam a cumprir a lei.»



Napoleão preparando um «cock-tail»...

Um rico sócia de Napoleão...

«barman» em 1935

Como certo indivíduo enriqueceu só pelo facto de ser como que uma cópia do grande Imperador. A atracção de turistas ao campo onde se desenrolou a Batalha de Iena. — Como o ignorado plebeu Gualtiero Lange descobriu o filão da sua fortuna — Napoleão aviando «cock-tails» e posando ante os «kodaks» dos clientes.

Com a clamorosa vitória de Iena, em 14 de Outubro de 1806, Napoleão chega às portas de Berlim, apoderando-se, por assim dizer, do reino da Prússia.

Até aqui, é a história que fala e não foi para a repetirmos, certamente, que invocámos agora a figura do Imperador e um dos seus maiores feitos épicos.

Nada disso. O caso é o seguinte:

Sobre o campo da célebre batalha, como documentos únicos, restam apenas uma velha locanda, denominada «Albergue do rouxinol»; um moinho, onde, segundo a tradição, o Imperador teria instalado o seu quartel-general; e, pegado à locanda, um modesto, mas popularíssimo «bar», meta de todos os turistas e dos estudantes de Iena que ao célebre local pretendem ir merendar.

Pois este modesto «bar» enriqueceu-se há tempos com uma nova atracção: um Napoleão que vai enchendo os copos ou preparando um «cock-tail», recebendo sempre os seus clientes com a maior cordialidade.

Um Napoleão, é verdade — mas natural de Cospeda e que na realidade se chama Gualtiero Lange.

Já aos 12 anos, Gualtiero começara a notar em si mesmo uma extraordinária semelhança com o Imperador. E por isso, arranjando, um dia, um traje à Napoleão, com ele se fez fotografar no campo mesmo da batalha. E o caso é que, olhando-se essa fotografia, se diria ser ela do próprio vencedor de Marengo e das Pirâmides.

Foi isto aos 12 anos, por simples brincadeira ainda; mas Lange bem depressa compreendeu que algum lucro mais positivo poderia tirar deste dom da natureza. Comprou então o «bar» do «Albergue do rouxinol» e meteu-se ao balcão com os trajes napoleónicos; não obteve ainda, no entanto, o sucesso que esperava.

Um dia, porém, passados já talvez uns nove anos, a «Associação dos Admiradores da Rainha Maria Luíza da Prússia» celebrou uma festa no «bar» e convidou Lange a tomar parte no banquete, desempenhando o papel de Napoleão. Foi um sucesso, então, um sucesso clamoroso, e em toda a Alemanha não se falava de outra coisa. O professor Holzhausseh, da Universidade de Bonn, escreveu que Lange era a mais fiel cópia viva do Grande Corso.

Desde esse dia, Lange conheceu as flores e respectivos espinhos da popularidade, e quotidianamente o seu estabelecimento é invadido por turistas e curiosos de toda a parte.

Já Lange, entretanto, se fôra preparando devidamente para esta ascensão... napoleónica. Havia ido já a Paris, trazendo, de qualquer museu, a cópia fiel de todas as insignias do Grande Imperador; instalou no «bar» uma biblioteca napoleónica e uma interessante colecção de documentos — mais ou menos autênticos — sobre o Corso.

E, hoje, Lange, além de continuar a

medir vinho e a preparar «cock-tails» para a sua clientela, negocia também em «recordações» do Aquila que caiu em Waterloo para ir morrer, cativo, em Santa Helena — e, por um módico preço, posta-se soberbamente em frente das máquinas fotograficas e dos cavaletes dos pintores. Vende ainda postais com a sua pessoa nas mais diversas «poses» e oferece, em certas condições excepcionais, autógrafos que são uma melhor ou pior imitação da caligrafia e da assinatura de Napoleão.

Os franceses consideram como uma profanação da memória do herói, esta caricatura da figura napoleónica; os alemães, porém, devem sentir a maior satisfação ao fazerem-se servir, no próprio campo de Iena, um copo de cerveja por Napoleão — embora de segunda mão — concedendo-lhe em troca, no final, uma pequena gorgeta...

A. F.

Aos nossos agentes e assinantes

A Administração deste jornal roga aos seus agentes que lhe remetam, devidamente preenchidos, os impressos do movimento de Dezembro, assim como as respectivas sobras e a importância referente à liquidação.

Igualmente a Administração do «X» se dirige aos seus numerosos assinantes — visto que está realizando a cobrança, orientada pela lista das pessoas que recebem directamente o nosso semanário — rogando-lhes um rápido acolhimento do respectivo recibo — cuja expedição estamos fazendo — o que representa a boa regularização dos nossos serviços administrativos.

Agradece a

ADMINISTRAÇÃO DO «X»



O grande imperador falando... pela rádio

Mata-Hari não morreu

(Continuação da pág. 5)

— Seria se o seu cabelo fosse um pouco mais moreno e a sua fala um nada mais gutural. Mas deixem-me continuar.

«Uma vez, a espionagem francesa desconfiou que Mata-Hari era o H. 21 alemão. Todos procurámos provas baldadamente. No entanto algo de curioso e enigmático consegui descobrir.

Mata-Hari ou Jeannette Larval

Mata-Hari bailava tôdas as noites das 10 às 10,30, em sua casa para um público ávido da sua beleza faiscante e da sua arte suprema de bailarina.

Uma noite precisamente à hora em que eu tinha a certeza de ela estar em casa — pois os agentes da contra-espionagem encarregados de a vigiar assistiam ao seu bailado — vi num gabinete reservado de um restaurante de «Quartier» em conversa com um aviador russo uma mulher que não era a minha amante, mas que também era o vivo retrato de Mata-Hari.

Podia mesmo jurar que era Mata-Hari, mas como, se nessa mesma noite ela obtinha em sua casa um êxito reumbante num novo bailado a que ela dava o nome de «Arco Iris» e que foi uma das suas coroas de glória?

Mais tarde, daí a um mês pouco mais ou menos, novamente um caso semelhante observei.

Numa sala de jogo Mata-Hari acabava de ganhar uma enorme quantia, precisamente no dia em que a contra-espionagem francesa assinalava a presença de H. 21 no Havre.

De dedução em dedução, sabem a que conclusão cheguei?

Que Mata-Hari tinha uma sózia hábilmente aproveitada e utilizada.

E sabem quem era o «double»? Jeannette Larval, a minha amante.

— ? ? ...

Foi uns dias antes da prisão de Mata-Hari que numa noite de amor e de... licore, Jeannette, pretendendo livrar-se da «canga» que a prendia, me confessou tudo.

Substituiu Mata-Hari nos seus bailados, depois de completar a semelhança pela «maquillage».

Se para aqueles a quem ela roubava as informações era Mata-Hari, para a polícia, caso fosse presa, era apenas Jeannette Larval.

Por isso contra Mata-Hari nunca houve provas — houve apenas uma traição.

H. 21 — Mata-Hari é morta em Vincennes e por estranha coincidência Jeannette nunca mais me apareceu. Foi na véspera da morte de Mata-Hari que deixei de ver Jeannette.

Nunca mais a vi. A guerra terminou com todos os seus horrores e de Mata-Hari apenas ficou uma ficha arquivada definitivamente no «dossier» secreto da contra-espionagem francesa, e muitas colunas de prosa em todos os jornais do mundo, focando sempre o mistério da sua morte.

A mulher de Java

Mais tarde um acaso da vida levou-me à Ilha de Java.

E sabem quem lá encontrei? Adivinhem...

— ? ? ...

A principio julguei que fosse Jeannette Larval. Ela, porém, não me reconheceu e protestou contra o meu equívoco, julgando-a uma antiga amante. Depois reconsiderei e ao meu cerebro veio uma interrogação:

— Se não era Jeannette Larval quem seria? Não teria ainda desta vez havido uma duplicidade? Mata-Hari não teria na cena da morte como tanta vez na vida utilizado a semelhança de Jeannette, semelhança verdadeiramente espantosa?

Seria muito possível. Lembrei-me então da serenidade falada, de Mata-Hari ou de Jeannette, ante as carabinas prontas a desfechar. Lembrei-me também da explicação que foi dada a essa aparente serenidade dizendo-se que ela estava convencida de que as balas, por uma poderosa influência, tinham sido substituídas por tiros de pólvora seca. Mas ela quem? Mata-Hari? Jeannette Larval?

Não quis sair de Java sem a explicação do mistério.

Eu não achava possível existirem no mundo três mulheres semelhantes a tal ponto que se prestassem a equívocos.

Duas — vá lá, vá lá; tanto mais que eu próprio tinha observado «de visu» as provas, entre H. 21 e a minha amante.

Depois havia ainda naquela mulher de Java precisamente as diferenças que distinguiram Jeannette de Mata-Hari... O cabelo mais moreno e a voz mais gutural.

O acaso ainda desta vez veio em meu auxílio. E sabem de que forma?

Comecei por espionar a citada mulher que mostrou desde o nosso encontro um espírito de mestre em «fugir» à rede que lhe estendia.

Um dia, porém, surpreendi o seu companheiro de exílio que era nem mais nem menos que aquele oficial que eu tinha visto com Mata-Hari no restaurante do «Quartier».

Foi para mim o suficiente. A loucura amorosa de Mata-Hari por aquele russo era sobejamente conhecida nos meios secretos alemães, loucura que segundo certas afirmações tinha sido a causa da sua morte.

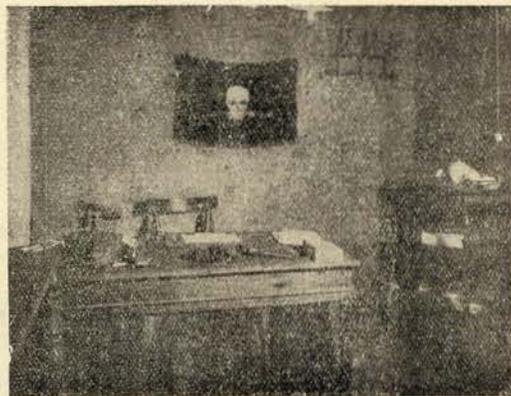
Não me restavam dúvidas: a mulher de Java, aquela mulher estranhamente parecida com Mata-Hari, só podia ser uma pessoa... a verdadeira Mata-Hari.

Não era só nos meios alemães que ela tinha influência... porque nos meios franceses também havia influências capazes de tudo.

FERNANDO DE BARROS
E
SILVA BASTOS

O estranho gabinete do «Popolo d'Italia»

(Onde Mussolini preparou a sua victoria)



HA poucos dias «Il Popolo d'Italia», órgão oficial do Duce, festejand mais um aniversario publicou a fotografia do gabinete que foi de Mussolini durante o inicio da luta violenta pelo fascismo. Esse gabinete é uma reliquia da casa. Conservam-no como uma reliquia — e tal como senhor dos destinos da Italia o deixou para ganhar a ultima batalha — da batalha que o ergueu a mais do que soberano e o impôs ao mundo inteiro. Vêem-se ainda a pistola que o Duce pousava sobre a secretária — quando escrevia os seus artigos incandescentes; e, afixada na parede a bandeira negra, macabra, com uma caveira mordendo um punhal — simbolo da luta tenebrosa que estava travada. Comunistas, socialistas, republicanos — e até monarchicos o combatiam na sombra. Armavam-lhe ciladas grand-guignolescas. Ele vivia cercado de perigos. Entrava pela porta oculta e fechava-se no seu gabinete, onde raros fieis o acompanhavam, para o guardar — esperando-se a todos os instantes — um atentado. E foi ali, naquele gabinete, escrevendo artigos — que o fascismo venceu e que Mussolini se fez... Mussolini.

O «X» vende-se em tôdas as tabacarias

Ladrões de livros raros

Continuação da pág. 11)

par aos milhões de dólares — antes dos quarenta e cinco anos. Em vez —lhes certa missiva de Felipe II, de Espanha ao Duque de Alba ou de Henrique IV, de Inglaterra, à sua favorita, ou de Karl, da Dinamarca, a Cromwell — visto que a sua especialidade era a epistolaria dos monarcas europeus.

Um dia certa família de Rouen, chefiada por um modesto guarda-livros — notou que a casa tinha recebido uma clandestina e suspeita visita na sua ausência. As gavetas tinham sido abertas e via-se remexido o seu conteúdo. Qual o objectivo dos assaltantes — se eles não possuíam fortuna que os tentasse? Foi apresentada queixa à Polícia. Nada se apurou; e uma semana decorrida a única filha do casal foi bruscamente acordada por um cavalleiro que entrara, de forma novelesca, por uma janela e que, sob a ameaça de morte, lhe exigia que lhe indicasse onde se encontrava uma velha caixa de folha — que pertencia à família, através de quatro ou cinco gerações, recheada de papelada de cujo valor os actuais possuidores nunca se tinham apercebido. Era como que uma reliquia, uma tradição...

Amedrontada, a moça entregou ao gatuno o cofre exigido... Os jornais estrondaram reportagens «à sensation» sobre o mistério... (fantasiando segredos rocambolcos no conteúdo da velha caixa) — e precisamente um mês decorrido Mr. Ridler, o «Rei das Espingardas de Caça» — reuniu os seus amigos e mostrava-lhes, estoirando de orgulho, uma carta que Luiz XV, de França, escrevera a Madame de Chateauville, carta cheia de ridiculo e de escandaloso e íntimo pitoresco — e pela qual, após longas negociações, ele pagara... 25.000 francos.

A Imprensa americana rejubilou, vaidosa, por mais esta «preciosidade» histórica que a América conquistava à Europa; e logo as agências de Nova York telegrafaram a notícia para o velho continente... Mas eis que surge certo desmancha-prazeres — um repórter que não perde pitada — Jacques Dorsay, da *Marianne*, que, alertado por certos detalhes, liga o assunto ao roubo de Rouen, e esmiuçando, esmiuçando, chega à conclusão seguinte: a um grupo de «gatunos especializados» na exportação destas raridades para a América — chegara o zum-zum de que aquela família, cujos bisavós tinham sido alistados na criação da favorita real, possuía, entre outros documentos relativos às intimidades de Madame de Chateauville, uma carta autógrafa do soberano — carta sensacional e escandalosa. Os seus actuais herdeiros, embora ignorassem o valor dessa papelada — guardavam-na avaramente. Após várias tentativas improrificas — resolveram um «golpe» decisivo — ameaçando a pequena — golpe esse que lhes rendera 25.000 francos — quantia que Mr. Ridler pagara sem regatear!

O fracasso da escamoteação dos livros de D. Manuel I

Mas voltemos à valiosa colecção de livros de D. Manuel II. O desvio a que nos referimos esteve para se dar antes da chegada dos volumes a Portugal. Quando da passagem das obras do ex-rei D. Manuel por uma estação de

França, alguém notou que numa camioneta chegavam à «gare» uns caixotes com uma certa forma e com determinados caracteres impressos nas suas tábuas.

Esses volumes entraram na «gare» e aguardaram a chegada de um certo combóio que passaria minutos depois. O combóio, afinal, chegou e as caixas foram embarcadas cuidadosamente. Mas ao passar a fronteira espanhola, tinham desaparecido.

O que tinha motivado tão misterioso desaparecimento? — Muito simplesmente; os escamoteadores — revolvendo o combóio de ponta a ponta — verificaram que os caixotes contendo os livros de D. Manuel não vijavam naquela ocasião, motivo por que não podiam ser substituídos pelos iguais que na camioneta transportaram para uma estação intermédia de Paris a Hendaye.

A Bíblia da Universidade

É curiosa, também, a história do pretenso roubo da célebre Bíblia existente na Universidade de Coimbra. Esse livro é um exemplar precioso — único no mundo inteiro. Existe na Biblioteca da Universidade de Coimbra, dentro de uma estante, espécie de mostrador e que faz crescer a água na bôca dos coleccionadores de raridades.

Um dia chegou a Coimbra um casal de americanos que começou por admirar as belezas naturais da encantadora cidade, percorrendo os arredores e — finalmente — subiu ao velho estabelecimento científico.

Como de costume — o arceiro começou por lhe mostrar a *Sala dos Capelos*, subindo às dependências do 1.º andar, percorrendo todas as salas que o casal admirava com prazer.

Percorrida aquela ala do edificio, os visitantes dirigiram-se à Biblioteca onde começaram por admirar as obras de talha e pintura e penetraram num recanto onde se guardam vários livros raros. Diante da mostra da Bíblia, o visitante parou a contemplar o livro que se expunha à curiosidade do público, mas os seus olhos — através de uma forte lupa — não procuravam os caracteres hebraicos, estampados no pergaminho. Deu várias voltas à estante, examinando-a cuidadosamente, enchendo de perguntas o cicrone.

O que é ter sorte!...



A mulher:

— Sabes? Acabam de retirar do Tejo um homem que se afogou na semana passada!

Ele (distráido):

— Sim?! Ora ainda bem, coitado!

Nessa mesma noite os arceiros foram acordados por um toque de campainha intenso, aflitivo. Um quadro indicava que era na Biblioteca. Presurosamente foram ver o que era. A mostra da vitrine onde se encontrava a Bíblia tinha sido forçada e dera o alarme. Percorreram a casa toda, mas não encontraram viva! Teria sido o visitante americano o autor dessa tentativa de roubo?

Imitações perfeitas

Durante muito tempo, um dos maiores repórteres do nosso país conseguiu ganhar rios de dinheiro mercê de uma estratégia engenhosa. O negócio rendia e não era perigoso. O nosso homem mandava fazer um ou dois exemplares — perfeita imitação de antigos — de vários livros hebraicos, muito cotados no mercado livreiro.

E, como a América compra tudo para os seus museus, o repórter português envernizava os livros — acabados de fazer — com uma patine de antiguidade e expedia-os para os coleccionadores ou comerciantes do outro lado do Atlântico que os vendiam ao governo americano por grandes fortunas. Outras vezes sucedia que eram os livros verdadeiros os exportados emquanto que as imitações — bastante perfeitas — ficavam a deslumbrar os coleccionadores portugueses. Este homem conseguiu juntar uma fortuna, embora tivesse levado uma vida de príncipe, até à hora da morte...

O último escândalo. Em França foguearam os jornais artigos sobre artigos a propósito de uma cartas amorosas, de uma intimidade... quasi collegial, de Napoleão para a sua segunda mulher — quando ainda noivo de Maria Luiza; cartas em que lhe chamava «petit amour» e em que lhe supplicava que o «amasse como eu te amo», não como um imperador que contrata uma esposa por exigências políticas, mas sim como um jovem que, pela primeira vez se embebeça de uma moça da vizinhança... Essas cartas, encontradas num palácio austriaco iam ser aliciadas — e havia já quem se dispusesse a regateá-las por preços quantiosos — quando o governo resolveu comprá-las para um dos seus museus. Pois bem: um repórter garante que muitas dessas epístolas são falsas, obra prodigiosa de um «artista» que, não só conseguiu dar ao papel o estrago do tempo, ao desenho da letra, a caligrafia de Napoleão, ao sentido das frases escritas nas revelações psíquicas da alma sentimental e amorosa do imperador — como engendrar todo o folhetim da descoberta dessa epistolaria — um «acaso» que favoreceu certo visitante ao Castelo austriaco onde vivera Maria Luiza — visitante que era cúmplice inconsciente e que deu com uma caixa de marfim que... durante mais de um século, passara desaparecida; folhetim, em suma, que lhe rendeu uma fortuna — se o jornalista em questão fala verdade.

A indústria da «burla» é infinita — como infinita é a imaginação dos trapaceiros... Um pouco menos de escriptulos — e podíamos todos nós enriquecer fabricando... as cartas de D. Pedro a Inês de Castro ou de D. Fernando a Leonor Teles...

O. A.

BLENOAN

O MELHOR NO
TRATAMENTO
DE



PROSTATITES
E BLENORRAGIAS

ATUANDO EM TODA
A BASTIA

depois de:

ESM. SILVA CALVALHO-RIBS TAVARES E C^{os}

Móveis, Estofos

e Decorações

Não basta adquirir mobília,
é sempre preciso bom gosto

Especialidade da casa

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Província

Rua de Be'em, 80-82

Telefone, Belem 237

LISBOA

Venereologia e Sífilis

Dr. Campos Rocha

Consultório:

R. do Ouro, 266, 1.º Lisboa

Clinica Geral

Dr. Mário Teixeira Bastos

Consultório:

Rua Garrett, 17, 2.º, D.º

LISBOA

BRANCO & IRMÃO

Posto Emissor C.S. 1-B.1.

Aparelhos de T. S. F.

Reparações • Pára-Raios • Antenas

Perfumarias e Novidades

Telefone 6114

86, Rua de Santo Ildefonso, 88

PORTO

A casa preferida pelos bons radiófilos

Colecção "Amanhã"

O 1.º livro intitula-se

DEZ NOVELAS

DEZ NOVELISTAS

Grande êxito
de livreria

Está á venda em todo o País

Director: MIGUEL CRUZ

Rua Diário de Noticias, 113

CAFÉ RESTAURANT TAVARES

RUA DO MUNDO — LISBOA

O restaurant cosmopolita — o restaurante europeu

O restaurant frequentado pela melhor sociedade

O preferido pelas colónias estrangeiras

Concertos diários pela célebre troupe «Gounod»

COLOSSAL

O melhor aparelho de T. S. F. em preço e qualidade

PARA TODAS AS ONDAS

Soc. Com. Luso-Americana - Rua da Prata, 145 - Tel. 25281 - Lisboa

RUA SÁ DA BANDEIRA, 339 - Tel. 1248 - PORTO

Uma noite europeia?

Uma noite em Montmartre?

«O Alhambra»

de LISBOA — PARQUE MAYER

O «Dancing» melhor frequentado

O mais alegre

Boa musica

O mais brilhante

Belo ambiente

Admiravel serviço de Restaurante

1 hora de «ALHAMBRA» recompensa 22 horas banais

Surpresas todas as noites

AO «ALHAMBRA»!